

O RECONTO E O POEMA NARRATIVO NA OBRA *LAMPIÃO & LANCELOTE* DE FERNANDO VILELA

Joelma Cristina PEREIRA¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

E-mail: jocrispereira@hotmail.com

Resumo: O poema narrativo possui longa tradição na literatura ocidental com obras relevantes para a formação da literatura brasileira e caracteriza-se como a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios. Dessa forma, o poema narrativo pode ser classificado como épico, heróico e herói-cômico. A proposta deste estudo é a de refletir sobre as variações estruturais presentes no reconto da literatura infanto-juvenil brasileira, assim como, a recepção destas obras em relação à original tendo como base o livro *Lampião e Lancelote* de Fernando Vilela (2006). A preferência pelo autor justifica-se, primeiramente, por ser um jovem em meio ao universo da literatura infanto-juvenil; pela insuficiência de estudos acerca do premiado autor e, também, por ser uma história em que se intertextualizam, por meio da linguagem escrita e visual, dois mundos e épocas totalmente antagônicos: Idade Média européia e o cangaço. Sendo assim, o presente estudo objetiva discorrer sobre o reconto na sua modalidade escrita como texto literário disponível à criança e ao jovem leitor, as mudanças estruturais deste gênero e a recepção por parte dos jovens leitores.

Palavras chave: reconto; poema narrativo; Literatura infanto-juvenil.

Abstract: The narrative poem has a long tradition in Western literature with relevant works to the formation of the Brazilian literature and is characterized as a literary manifestation in verse in which there is a fictional narrative of events or anthropomorphic actions, with dramatic, comic or serious traits. Thus, the narrative poem can be classified as epic, heroic and heroic-comic. The aim of this study is to reflect on the structural variations present in the retelling of the Brazilian children's literature, as well as the reception of these works from the original based on the book *Lampião e Lancelote* of Fernando Vilela. The option is justified by the author, firstly, as a young man submerged in the world of children's literature; the lack of studies about the award-winning author and, also because it is a story where they come to context through visual and written language between two completely opposing worlds and times: Middle Ages in Europe and the Cangaço. Therefore, this study aims to discuss the retell in its written form as a literary text available to children and young readers, the structural changes of this gender and the reception by young readers.

Key words: retell; narrative poem; Children's literature.

¹ Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas.

1. Pequena explicação

Por pretender estudar *Lampião e Lancelote* sob a ótica do reconto e suas relações com o poema narrativo, no primeiro momento abordaremos separadamente o reconto e o poema narrativo para, em seguida, procedermos as aproximações entre os dois sub-gêneros no interior da obra em pauta, explorando suas peculiaridades de linguagem e com uma pequena notícia sobre seu autor.

1.1 O Reconto

Recontar é contar novamente e, por isso, constitui um processo extremamente amplo, pois abre inúmeras possibilidades de (re) criação a partir de textos anteriores. Assim, recontar histórias configura-se tanto uma atividade oral quanto escrita. Como produção escrita e texto literário, os recontos compreendem traduções e adaptações de obras, mantendo a essência do texto original, porém com adequações na linguagem e na trama de acordo com o público visado.

A linguagem visual pode ser uma opção na produção de recontos, pois devido aos múltiplos caminhos que o gênero oferece, não apenas a linguagem verbal é prioritariamente utilizada. Dessa forma, muda-se a maneira de apresentação dos textos, mas resguarda-se o caráter narrativo das histórias originais mesmo que por meio de outras convenções.

A finalidade do trabalho é o reconto como produção escrita tendo como fundamento os textos recolhidos das histórias nascidas na oralidade, partindo da hipótese de que a forma oral é o “texto zero” dessas narrativas. Ao coletar as histórias orais tem-se o cuidado de preservar a sua originalidade, com poucas interferências e muito respeito ao narrador, algo que os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm fizeram há dois séculos:

“(...) o que recolhiam amorosamente da boca do povo era um riquíssimo conjunto de narrativas que jamais se poderia reduzir a um gênero menor (...). Tratava-se de um produto cultural de amplo espectro e merecedor de todo respeito.” (MACHADO, 2011, p. 121-122).

O reconto, como mencionado anteriormente, tem raízes na oralidade, na pessoa física do narrador (contador) que possui uma platéia concreta. Com a propagação do livro, o papel do contador perdeu seu espaço e a interação contador/ouvinte tornou-se uma preciosidade:

“Hoje o acesso à contação de história à maneira tradicional está bastante restrito. Ou o interessado vai aos remotos povoados interioranos em busca de idosos que lembrem as antigas histórias, ou busca por elas nos estudos de folcloristas, antropólogos, etnólogos ou lingüistas.” (AGUIAR, 2011, p. 6)

Dessa forma, cabe ao narrador (presença no papel) desempenhar a ação de conduzir, alimentar e instigar a imaginação do seu ouvinte que nesse momento é convertido em leitor. Na passagem da oralidade para a escrita, “(...) os componentes

primitivos não se perdem porque a arte se apropria dos arquétipos, dando uma dimensão espacial no texto escrito ao que era temporal na fala do contador.” (AGUIAR, 2006, p. 39)

Ao recontar, o narrador mostra-se e faz sentir a sua presença ao mexer com as emoções do leitor. Pode seguir diferentes graus de interferência, mostrar sua origem e grau de escolaridade e, também, provocar estranhamento ao registrar formalmente as histórias recolhidas na oralidade. Ao modificar o texto original, o narrador escolhe o tom com o qual vai contar sua história: sensível ou lírico; lúdico ou caricatural; reflexivo ou metafórico; moralista ou admonitório. Nem sempre a intromissão do narrador é artística, pois educadores mal informados, apesar de bem intencionados, movidos pela censura fizeram alterações “nos contos populares redimindo vilões, evitando assassinatos, amenizando cenas de crueldade (...)” (SILVA, 2011, p. 12), criando versões açucaradas que hoje não circulam mais.

Como se observa, o universo dos recontos é aberto a diversas formas de paráfrase, paródia e atualização. Assim, “se nas sessões noturnas de contação de histórias a palavra do contador mantinha a platéia cativa (...)” (SILVA, 2011, p. 12), hoje percebemos que o narrador continua o responsável por conduzir os sentimentos do leitor por meio desse universo encantado que o reconto proporciona.

1.2 Recontar hoje

Em pleno século XXI, com todas as atrações disponíveis pelos avanços tecnológicos, é comum nos perguntarmos o porquê das histórias populares continuarem recontadas e atraindo a atenção de autores da literatura infantil. Talvez porque ler e ouvir histórias faz bem, alivia tensões, mostra obstáculos transpostos que incentivam o leitor a refletir sobre sua própria vida e os problemas que nela existem. Essas histórias ampliam o conhecimento de quem a decifra e, além disso, constituem patrimônio e herança cultural da humanidade e deve ser transmitida às novas gerações. Assim, muitos autores estão apostando no reconto como instrumento para preservar e disseminar nossa memória cultural, aproveitando o leque de possibilidades de criação que o gênero oferece. É necessário ressaltar que:

“A narrativa – ou seja, o relato, o contar histórias – tornou possível que os seres humanos pudessem estabelecer e expressar a subjetividade e a objetividade, a linearidade, a causalidade, a simultaneidade, a condicionalidade e tantos outros conceitos fundamentais à transmissão dessa sabedoria acumulada, tão essencial para a preservação e expansão da espécie. Ao contar uma história, diz-se quem fez o quê, o que aconteceu depois, por quê, e o que houve em consequência disso, o que aconteceria ao mesmo

tempo, de que modo esses dois fatos se relacionam, quais são as dificuldades ultrapassadas para que ocorressem, que condições seriam necessárias para sua ocorrência, etc. mais que isso, esses primeiros narradores fizeram com que os ouvintes dessas primeiras histórias orais pudessem perceber como havia pessoas diferentes deles, e como eram todos tão parecidos em outras coisas, às vezes até mesmo iguaizinhos. Mesmo, muitas vezes, vivendo em circunstâncias e locais distintos.” (MACHADO, 2001, p. 131-132).

Em *Histórias à brasileira* (2008), Ana Maria Machado faz um depoimento emocionante ao apresentar sua série de recontos:

“Para mim, diante do pequeno leitor ou ouvinte de hoje, como meus netos e sobrinhos-netos, o importante tem sido constatar como essas histórias todas continuam tão atraentes e fascinantes. A duração e a permanência de tal encantamento têm sido meu maior estímulo para prosseguir com esta série, num esforço para descobrir e preservar esses relatos orais.” (MACHADO, 2008, p. 7)

E para concluir a apresentação da obra, Ana Maria Machado ainda cita:

“Tomara que vocês gostem tanto quanto eu gostava, se encantem tanto quanto meus filhos e os amigos se encantaram. E que as crianças de hoje descubram o fascínio de voltar muitas e muitas vezes a estas histórias incomparáveis, fruto da sabedoria popular acumulada em gerações de narradores anônimos que coletivamente foram criando esse fantástico patrimônio que nos coube de herança e não tem preço.” (MACHADO, 2008, p. 8)

2. O poema narrativo

O poema narrativo compõe uma história contada linearmente com personagens envolvidos em grandes ações. Apresenta-se em versos, explora o humor, as histórias tradicionais e o folclore. Assim, podemos concluir que:

“O poema narrativo caracteriza-se como a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios e pode ser de alcance universal, regional ou local, dada a presença ou a ausência de grandiosidade. Dessa forma, o poema narrativo pode ser classificado como épico, heróico ou herói-cômico.” (SALES, 2011, p. 2)

Para uma compreensão efetiva, convém expormos as características das classificações citadas anteriormente.

O épico compõe-se de ações heróicas realizadas por personagens ilustres em linguagem solene e elevada por meio de versos heróicos, considerado o mais adequado para o poema épico e, além disso, o fato narrado é de interesse nacional ou social e o

herói da epopéia representa uma coletividade. Como exemplo, podemos mencionar *Os Lusíadas* (1572), obra de Luís Vaz de Camões.

O poema heróico é a narração de um fato menos grandioso e de importância nacional ou local. Como exemplos temos, dentre outros, *O Uruguai* (1769) de Basílio da Gama e o *Caramuru* (1781) de Santa Rita Durão.

O herói-cômico caracteriza-se como imitação satírica ou paródica da epopéia, transformando-a em assunto banal, mas mantendo a linguagem elevada, na sátira; já na paródia, a linguagem apresenta-se vulgar. Aborda-se temas comuns, heróis ridículos de maneira solene e em linguagem épica. E é por meio deste contraste que a comicidade se mostra perante o leitor. Como exemplos, *O Desertor* (1771) de Manuel da Silva Alvarenga e o *Reino da estupidez* (1774) de Francisco de Melo Franco, na sátira e *O elixir do pajé* (1875) de Bernardo Guimarães, na paródia. O poema herói-cômico serviu de instrumento para criticar o governo, a igreja católica e toda a ideologia oficial do século XVIII.

Além das características e exemplos expostos anteriormente, convém ressaltar que o gênero poema narrativo passou por transformações ao longo do tempo: algumas categorias estruturais foram mantidas, outras desapareceram. Dentre as categorias que mais sofrem modificações até hoje estão a do herói, proposição, narração, costumes, pensamento, elocução e narrador.

2.1 O poema narrativo infanto-juvenil

As primeiras obras publicadas visando o público infantil apareceram no mercado na primeira metade do século XVIII, juntamente com a industrialização e ascensão da burguesia, fenômenos que marcaram profundamente a época. Nesse período, a criança passa a existir socialmente motivando o aparecimento de produtos industrializados e culturais (livros).

Nos séculos XVIII e XIX, o mundo era veiculado pela poesia infantil de maneira falsa e com intenções camufladas visando o fortalecimento dos pais, mestres e adultos em geral. Idealizava-se a classe dominante e ridicularizavam-se as minorias, reproduzindo preconceitos e ideais do universo adulto. A complexidade social, as desigualdades e preconceitos eram ocultos sob a dissimulação do cômico e do ilogismo. Da mesma forma, o poema narrativo voltado para o leitor infanto-juvenil não deixou de explorar as criações clássicas e populares, porém de acordo com as novas concepções e projetos burgueses, aproveitando determinados comportamentos do herói, transformando sua esperteza em virtudes como a lealdade ao lar, à família e à pátria; valorizando o conhecimento científico e o amor ao trabalho em substituição a coragem e particularidades guerreiras. Dirigido ao público infantil, o poema narrativo é envolvido por características pedagógicas e moralizantes, transformando-se até ao fim da primeira metade do século XX em sermões, objetivando incutir nos pequenos leitores as virtudes e comportamentos aceitáveis socialmente.

Só a partir da modernidade que essas atitudes e posturas foram se modificando gradativamente:

“(…) Já se fala, em aberto, das asperezas da vida e do convívio; o ilogismo é usado mais para suscitar o questionamento das aparências do que para fins de opressão intelectual e o cômico se funda sobre o inesperado e o rebelde, e não sobre o defeituoso. As normas da sociedade adulta são contestadas por

sujeitos líricos bastante sintonizados com o modo de ser infantil, capazes de irreverência e malandragem, tanto quanto de ternura espontânea e desejo de justiça.” (BORDINI, 1986, p. 67)

Atualmente, uma parte significativa do poema narrativo encontra-se livre da preocupação moralizante. São poemas em que a simplicidade temática reunida à elementos da narrativa (ações, espaço, tempo e aventuras) conseguem prender a atenção do leitor.

Contemporaneamente, “podemos identificar pelo menos duas ‘linhagens’ de poemas narrativos: a primeira, com poemas curtos, muito simples, com boa dose de musicalidade e de humor.” (SALES, 2010, p. 7). A segunda, apesar de possuir poemas curtos, “merecem destaque os poemas longos, bem construídos e ligados ao poema narrativo no percurso histórico do gênero.” (SALES, 2010, p. 8)

3. O poema narrativo e o reconto

A obra em pauta reconta a história de duas personagens bem conhecidas. A primeira, Lampião, cangaceiro temido que viveu no nordeste brasileiro no final do século XIX e início do XX. A segunda, Lancelote, cavaleiro medieval que fez parte da corte do Rei Arthur como um dos cavaleiros da Távola Redonda.

A história é recontada por meio do poema narrativo e a relação entre os dois gêneros fica bem explicitada na obra *Lampião e Lancelote* (2006), primeiro, por serem histórias conhecidas e há muito tempo transmitidas entre as gerações e, segundo, por se tratar de uma narrativa em verso. Idade Média e cangaço se encontram e travam uma batalha cultural entre duas tradições separadas pelo tempo, porém em comum a linguagem do poema narrativo e das novelas de cavalaria.

Dessa forma, o reconto concretiza-se por meio da junção entre a literatura de cordel característica do nordeste brasileiro e as novelas de cavalaria presentes nos romances medievais. Assim, a poesia é o elemento que derruba a barreira temporal e faz com que os diálogos culturais se consolidem. Por meio das ações de personagens em conflito contadas por um narrador heterodiegético, as rimas e o ritmo do poema seguem uma cadência que conduzem o leitor a vivenciar cada detalhe da obra narrada em linguagem firme com o intuito de acentuar ainda mais a bravura das personagens. Dessa maneira, o poema narrativo expõe suas peculiaridades juntamente com o reconto que não só pela linguagem verbal, mas também visual, proporcionam um obra esteticamente harmoniosa.

4. Lampião & Lancelote

Lampião & Lancelote de Fernando Vilela é um poema narrativo composto por 282 versos heptassílabos divididos em estrofes com seis e sete sílabas poéticas, com rimas em ABCBDB e ABCBDDDB, expostos a seguir:

“Pois pare já eu lhe ordeno	A
Ó fantasma de metal	B
Encarnação do demônio	C

Grande embaixador do Mal B
 Logo se vê que fugiu D
 De um século medieval” B
 (Lampião)

“Que sujeito doido és tu A
 Com esse jeito de anão B
 Essa roupa toda em couro C
 É de vaca ou de bisão B
 E o ar caipira e tacanho D
 Mais esse chapéu estranho D
 Que lembra Napoleão” B
 (Lancelote)

No início do poema há um cantador que apresenta as personagens mostrando-nos que é uma história com heróis grandiosos e, portanto, digna de ser narrada. Primeiramente, o cantador nos apresenta Lancelote, o bravo cavaleiro da Idade Média:

“Meu povo peço licença
 Para lhes apresentar
 O primeiro personagem
 Que aqui vai desfilar
 Bom e nobre cavaleiro
 Valoroso e altaneiro
 Passa a vida a galopar

Ele é forte e delicado
 Seu cavalo é todo branco
 Trajado em armadura de prata
 Capa de bordado santo
 A luz do sol se reflete
 Feito dardo se arremete
 Todos cegam de espanto

Agora vou lhes dizer
 Este homem é tão forte
 Que mesmo em fogo cruzado
 Levanta a cabeça e luta
 Espalha bravura arguta
 O seu nome é Lancelote”

Em seguida, Lampião, o grande e temido cavaleiro do Nordeste brasileiro:

“Agora eu lhes apresento
 Um grande cavaleiro
 Nascido em nosso país
 Leal e bom companheiro
 Para uns foi criminoso

Para outros justiceiro

Criado nas terras secas
 Vaqueiro trabalhador
 Cuidava de um ralo gado
 Com coragem e com valor
 Seu nome era Virgulino
 Mas um dia veio a dor

Ao ver seu pai baleado
 Ele partiu pra vingança
 À frente dos cangaceiros
 Se pôs logo em liderança
 Bando de cabras armados
 Ao inimigo com ganância!”

São dois mundos e épocas totalmente diferentes e o encontro acontece da seguinte maneira: a bruxa Morgana faz um feitiço no qual Lancelote é transportado através de um portal espaço-temporal e cai nas terras escaldantes do Nordeste brasileiro. Lampião o encontra e rapidamente trava-se um duelo na linguagem do repente por meio da intercalação de versos. Dessa maneira, Lancelote faz uso de termos e estruturas poéticas e linguísticas das novelas de cavalaria enquanto Lampião utiliza-se da linguagem do cordel.

O duelo entre Lampião e Lancelote resulta na belíssima obra elaborada com a junção das artes plásticas com a arte da palavra:

“Ó donzelinho enfeitado
 Todo coberto de ferro
 Você nem sabe quem sou
 E já vai me dando um berro
 Se eu quiser te mato agora
 Neste chão eu te enterro”
 (Lampião)

“Se você quer desafio
 Saia de onde está montado
 Meu cavalo é puro-sangue
 Corre e galopa de lado
 É veloz e faz de tudo
 Mas teu jegue orelhudo
 Não parece em bom estado”
 (Lancelote)

No final, o feitiço é desfeito pela bruxa Morgana e tudo termina bem:

“Meu povo aqui termina

Esta história verdadeira
Com baile, batalhe e rima
Pondo abaixo uma barreira
Resultou numa geléia
Da magia européia
Com a ginga brasileira.”

4.1 O autor

Fernando Vilela nasceu em São Paulo no ano de 1973. É escritor, ilustrador, artista plástico, designer, professor. Ganhou o Prêmio Revelação Ilustrador em 2004, da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) por sua primeira obra para crianças, *Ivan Filho-de-Boi* (Cosac Naify, 2004) escrito por Marina Tenório. Participou, em 2005, da Bienal Internacional de Ilustração de Bratislava, na Eslováquia e como artista plástico já realizou várias exposições pelo Brasil e exterior.

O livro *Lampião & Lancelote* ganhou o primeiro lugar no Prêmio Jabuti 2007 em duas categorias: melhor livro infantil e melhor ilustração; e segundo lugar na categoria melhor capa. É considerado escritor revelação pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e, além de *Lampião & Lancelote*, publicou *Toalha vermelha*, *O que cabe num livro*, entre outros.

Em entrevista² publicada pela editora Cosac Naify em 26/06/2011, Fernando Vilela divulga como surgiu a ideia do livro *Lampião & Lancelote*. Descreve que havia uma grande vontade de juntar o mundo do cangaço com a idade medieval a partir do conceito de duelo presente no cordel brasileiro. Primeiramente, organizou as ideias separando os elementos presentes em cada contexto e, a partir desse momento, foi organizando as imagens por meio de trovinhas rimadas resultando no livro mais vendido dos últimos tempos.

5. Considerações Finais

A obra *Lampião e Lancelote* (2006) propõe um novo olhar em relação aos gêneros expostos anteriormente ao demonstrar que narrativas, até então esquecidas, estão sendo recuperadas e valorizadas por meio de projetos gráficos atuais, pela articulação entre o passado (narrativa oral) e o presente (escrita) juntamente com modernas técnicas de ilustração.

Sendo assim, o intuito do trabalho foi apresentar algumas considerações sobre o conto e demonstrar as inúmeras possibilidades de criação e descobertas que o gênero oferece, assim como, a sua relação com o poema narrativo e as implicações de ambos na atualidade. Implicações estas que estão chamando a atenção de escritores e editoras tendo em vista o caráter promissor que ambos, o conto e o poema narrativo, oferecem.

Além disso, as histórias provenientes da oralidade constituem patrimônio cultural, fazem parte da vida dos povos, formam a base do futuro leitor, desenvolvem esquemas narrativos e estruturas internas que aprimoram a linguagem oral e,

² Disponível em <http://www.editoracosacnaify.com.br>.

consequentemente, a escrita e, por isso, as novas gerações têm o direito de conhecê-las.

6. Referências

AGUIAR, Vera Teixeira. *Notas para uma psicossociologia da leitura*. In: Turchi, M. Z.; Silva, V. M. T. (Orgs). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, p. 34-40.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia Infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

LAIJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Um tesouro variado*. In: *Histórias à brasileira: o pavão misterioso e outras*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

_____. *Um mergulho na memória e na tradição*. In: *Histórias à brasileira: a moura torta e outras*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

_____. *Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

SALES, José Batista de. *O poema narrativo infanto-juvenil brasileiro: apontamentos preliminares*. 2010. 14 f. (digitado).

_____. *O poema narrativo: introdução ao gênero*. 2011. 59 f. (digitado).

SILVA, Vera M. Tietzmann. *Sobre contos e recontos*. 2011. 15 f. (digitado).

VILELA, Fernando. *Lampião & Lancelote*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.